

## A Reconfiguração do Imaginário de Princesa Perfeita da Disney com Mulan<sup>1</sup>

Lucyanna Maria de Souza MELO<sup>2</sup>

Thiago SOARES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### Resumo

Na narrativa dos contos de fadas, as princesas, desde muito cedo, tornam-se um referencial de feminilidade para as garotas; porém esse referencial também chega a ser sinônimo de fragilidade e dependência masculina. Mulan, a oitava princesa da Disney, apresenta uma diferente visão do que é ser princesa, quebrando estereótipos e instigando um diversificado olhar do significado do que é ser feminina.

**Palavras-Chave:** animação; Disney; gênero; Mulan; princesas.

### Apresentação

No século XX, o universo das princesas, que tinha como base os contos de fadas, aparece com a produtora Disney, que deu vida a sua primeira princesa, em 1937, Branca de Neve, propagando um estereótipo de garota ideal e dependente de um “salvador”, que seria a figura do príncipe encantado. No decorrer dos anos, outros modelos de princesas foram surgindo, mas sempre com a mesma ideia central: uma garota de beleza padronizada e com um príncipe nos sonhos. Tais características foram sendo modificadas, com o que a Disney convencionou chamar de “princesas rebeldes”, dando início com Bela – do filme A Bela e a Fera (1991) – tendo como motivo para essa nomenclatura a personalidade das personagens. Embora com a variação das personalidades, a narrativa continuou tocando a questão do romance ideal. Até o primeiro rompimento com Pocachontas e a mudança radical do enredo de princesa com Mulan.

Tais princesas cumprem um papel maior do que apenas entretenimento: elas fazem parte de um mercado introduzido nos meios de comunicação de massa, sendo este um dos agentes da socialização; que transforma assim, os textos midiáticos em objetos formadores de identidades, principalmente de crianças, que são o público alvo dessa categoria de filmes.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFPE, e-mail: lucyanna.melo@hotmail.com

<sup>3</sup> Thiago Soares. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFPE, email: thikos@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo analisar como a princesa Mulan quebra essa expectativa de princesa perfeita que a Disney criou no imaginário global, e como ela foi a pioneira nesse quesito, abordando questões da força feminina e do feminismo, de questões de gênero e identidade; tornando-se assim, mais uma linguagem capaz de representar as mulheres, a fim de promovê-las em sua visibilidade política (BUTLER, 2008. P. 18) e humana para uma futura geração.

### **Descrição do Objeto a Ser Analisado**

Baseado em uma lenda chinesa intitulada *A balada de Mulan*, datada com imprecisão entre os séculos V e VI (DRUMMOND, 2016), a produção norte-americana da *Walt Disney Animation Studio* foi nomeada Mulan, chegando aos cinemas americanos em junho de 1998 e no Brasil, em julho do mesmo ano. Mulan foi a trigésima sexta animação da Disney e é considerada a oitava princesa do estúdio.

A produção tem direção de Tony Bancroft e Barry Cook, história de Robert D. San Souci, roteiro de Rita Hsiao, Philip Lazebnik, Chris Sanders, Eugenia Bostwick-Singer e Raymond Singer. Foi indicado ao Oscar, na categoria de Melhor Trilha Sonora; recebeu duas indicações ao Globo de Ouro na categoria de Melhor Trilha Sonora e Melhor Canção Original e também uma indicação ao Grammy na categoria de Melhor Canção Composta Para um Filme com *True to Your Heart*. (IMDb, 1998)

O filme conta a história de Mulan, uma jovem moça, integrante da Família Fa que como todas as mulheres do Império Chinês, para honrar sua família, deve ser uma noiva exemplar e conseguir um marido com a ajuda da casamenteira. Porém, desde o início do longa, a personagem parece longe de ser a noiva considerada ideal, tomando para si as características de uma guerreira. Com a invasão dos Hunos, tribo de selvagens que quer destronar o imperador e tomar a China para si, todos os homens são chamados ao treinamento para proteger sua nação, porém o líder da família Fa, pai de Mulan, com a saúde frágil e com sequelas de antigas batalhas, não tem condições de enfrentar outra guerra.

Vendo a situação na qual seu pai, enfermo, entraria, e querendo retomar sua honra na família, Mulan transveste-se de homem, rouba a armadura e armamento de seu pai, e enfrentando todos os riscos, segue para o acampamento de guerra, fingindo ser um filho distante.

Travestida de Ping, Mulan toma a frente na convocação para a guerra num ato de coragem, não só para salvar seu pai, mas também para se provar e levar honra para sua família, já que não pode honrá-la na questão casamento. Não sabendo a que ponto chegaria, e

com a ajuda de Mushu, o dragão guardião de sua família, o grupo de treinamento do general Lee Shang, marcha para a guerra entrando em combate direto e derrotando os hunos, em uma estratégia de Mulan. Porém, se arriscando para salvar a todos, Mulan sofre um ferimento que coloca seu disfarce em perigo e ela é descoberta, humilhada e quase morta, se não fosse por Lee Shan se sentir grato por ela lhe ter salvo a vida anteriormente.

Pensando ter derrotado os hunos e após abandonar Mulan, parte do exército que sobreviveu, encaminha-se para a cidade imperial, onde se encontram com o imperador que lhe dará as honras; mas, parcela dos hunos sobreviveu e continuou sua investida contra o imperador, invadindo a cidade imperial, na qual é salva também por Mulan que é auxiliada por seus amigos do exército. Congratulada pelo imperador chinês e recebendo as devidas honras, Mulan retorna para casa com presentes e honras do imperador, os quais ela entrega ao pai, que diz: “meu maior presente e honra é ter você como filha”. (MULAN, 1998)

### **Referencial Teórico**

Apesar de não se configurar como uma teoria, o teste de Bechdel (1985), criado a partir de uma história em quadrinhos da cartunista americana Alison Bechdel, caracteriza-se mais como um método dito como feminista para análise de produtos midiáticos. Em uma história em quadrinhos intitulada “The Rule”<sup>4</sup>, duas personagens, sem nome, conversam sobre a possibilidade de assistir um filme, até que uma delas anuncia que só assiste um filme se ele preencher três requisitos básicos: o primeiro é que ele precisa ter pelo menos duas mulheres; o segundo, essas mulheres precisam conversar entre si; e o terceiro corresponde que o assunto da conversa não seja sobre homens (CRUZ, 2015).

A intenção de Alison Bechdel (1985) ao criar a tira era questionar se a indústria cinematográfica faz um bom uso de personagens femininas: se as criam com psicologia própria e não apenas como artifícios masculinos. Muitos filmes considerados de sucesso falham no teste, trazendo as mulheres apenas como donzelas em perigo ou como um interesse amoroso do protagonista masculino. Não é surpresa que até desenhos animados não passem no teste, principalmente filmes de princesas, no qual o público alvo é o infantil, sendo o público feminino o mais atingido. A jornalista Helena Dutt-Ross<sup>5</sup> aponta que a cultura que consumimos faz parte da formação da nossa personalidade, e o teste de Bechdel, diz respeito ao imaginário que estamos formando em relação aos gêneros.

---

<sup>4</sup> Uma das histórias em quadrinhos publicada no HQ *Dykes to Watch Out For*, no ano de 1985 da autora Alison Bechdel.

<sup>5</sup> Referência retirada do artigo “O teste de Bechdel” escrito por Helena Dutt-Ross, publicado no site da Universidade Cásper Líbero; sem datação.

A afirmação dada por Dutt-Ross reitera a questão abordada por Douglas Kellner (2001, p. 123) em sua obra *A cultura da Mídia*, em que diz:

Os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e ações políticas (...). É importante aprender a interpretar a cultura da mídia politicamente a fim de descodificar suas mensagens e efeitos ideológicos.

Pode-se considerar o teste de Bechdel como uma das maneiras difundidas para a interpretação e questionamento sobre como as questões de gênero e feministas estão sendo divulgadas pelos textos midiáticos. Como citado anteriormente na fala de Dutt-Ross, a cultura consumida pelo público faz parte da formação da identidade do indivíduo, sendo assim, o teste de Bechdel se faz necessário não só a respeito da qualidade cinematográfica, mas sim para filtrar que tipo de material está sendo difundido pela mídia e como ele está representando as mulheres.

No mundo Disney das princesas clássicas da primeira geração, inclusa nela Branca de Neve, Cinderela e Aurora, todas seguem um padrão tanto estético quanto do enredo. Já na segunda geração de princesas Disney, intituladas como “rebeldes” as personagens que são Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas e Mulan, possuem objetivos e sonhos distintos, buscando-o concretizá-los, porém acabam caindo nos braços do príncipe encantando ou no personagem masculino que as salva, sendo Pocahontas e Mulan os objetos mais destoantes no que tange o assunto romântico.

Em relação a essa diferenciação, principalmente Mulan, se assemelha com o termo multicultural que “(...) funciona como uma rubrica geral para todas as tentativas de resistir à estereotipia, às distorções e à estigmatização por parte da cultura dominante” como coloca Kellner em sua obra *A cultura da mídia* (2001, p. 126).

Mulan é uma personagem oriental, a primeira e única chinesa que é princesa Disney. Além de abordar etnicidade, Mulan abrange questões de gênero e identidade que antes não foram mostradas nas animações de contos de fadas da produtora, desestruturando assim, os conceitos de princesa estereotipada, que se veste de acordo com o padrão, que possui um visual padronizado e que se comporta com o que foi estipulado pelos filmes anteriores. Sendo assim, seguindo as colocações pontuadas por Kellner (2001), o objeto de análise deste artigo segue como sendo um objeto conceituado como “multicultural”, pois destoa da estigmatização colocada por parte da cultura dominante, tanto em relação às questões raciais, de gênero e da própria identidade.

“Na economia, as sedutoras formas culturais modelam a demanda dos consumidores, produzem necessidades e moldam um eu-mercadoria com valores consumistas” (KELLNER, 2001). A citação reitera um estudo-analítico feito pela antropóloga Michele Escoura sobre os filmes de animação infantis, baseando-se em Cinderela (1950), que lhe intrigou por conta da popularidade da personagem entre as meninas. Um dos resultados encontrados pela antropóloga aponta que uma das razões para tal popularidade de Cinderela é comercial, como relata o trecho: “As crianças conhecem as personagens pelos produtos e só depois buscam os filmes” (ESCOURA, 2012, s/n).

A fala de Michele Escoura pode ainda ser complementada pela questão da difusão de materiais proporcionada pela socialização através dos meios de comunicação de massa, que com o advento cíclico da tecnologia, está cada vez mais presente na vida dos indivíduos, participando na formação da identidade e daquilo que nos influencia, como relata o trecho:

Podemos ser livres para escolher quais mensagens da mídia nos influenciarão, mas a maioria das pessoas está inclinada a escolher as mensagens que são mais difundidas, que estão mais próximas dos padrões culturais existentes e aquelas que os meios de comunicação de massa tornaram mais atraentes (BRYM, 2010, p. 121).

Apesar de fazer parte de uma linha de produtos de Princesas criada pela Disney em 2000, Mulan não possui tanto apelo comercial quanto Cinderela ou outras princesas da Disney, anteriores a ela. Fazendo uma busca por lojas de brinquedos é possível evidenciar tal característica. Isso porque as meninas veem um modelo padrão de princesa a ser seguido, principalmente quando comparam Mulan e Cinderela, as reações das crianças em relação a história mostram que o imaginário em relação a princesa ideal, para cada uma, é diferente.

As reações das crianças diante de duas histórias centradas em protagonistas femininas – Cinderela (1950) e Mulan (1998) – mostraram que a ideia de “princesa” para elas está associada a obter sucesso no amor romântico e possuir beleza tradicional (ESCOURA, 2012, s/n).

O que se pode observar nas diferentes gerações de princesas Disney é uma evolução constante da produtora em mostrar que as discussões sobre as relações de gênero podem ser abordadas em filmes infantis, sendo estes um dos principais textos midiáticos utilizados para difundir ideologias e formular identidades de crianças e adolescentes, podendo até modificar e reconstruir uma visão de um adulto.

Ou seja, não se pode rejeitar todo ideário de princesa dentro de uma cultura que as valoriza, tanto no significado bruto da palavra, quanto no contexto comercial difundido pelos filmes. Porém, essa cultura pode ser reformulada dentro de moldes que abarquem de forma efetiva a sociedade, principalmente, a partícula feminina desta. A reinterpretação e contextualização da sociedade dentro dos filmes de princesa da Disney, já podem ser observados com mais força a partir de Mulan, que junta em um único filme, fragmentos da “rebeldia” de filmes antecessores, como Pocahontas. As princesas intituladas “contemporâneas”, que começam por Tiana – de A princesa e o Sapo (2009) – até a mais recente – Moana (2017) – continuam, em seu enredo, buscando mostrar as lutas feministas e a força que as mulheres representam.

### **Metodologia e Análise**

A metodologia utilizada para elaboração desse artigo procurou analisar as questões que aproximam e afastam as três princesas escolhidas para um estudo comparativo com Mulan: Branca de Neve, Cinderela, Pocahontas. A análise consistiu na elaboração de um levantamento das características corporais e comportamentais das princesas, procurando mostrar o porquê de Mulan ser a primeira a romper o estereótipo de princesa perfeita que a Disney criou a partir do século XX.

### **Branca de Neve (1937)**

Branca de Neve é a primeira princesa Disney, tendo seu filme lançado em 1938. A escolha do filme desta princesa para análise, fez-se porque ela é o ponto inicial para qualquer análise de futuras princesas, tendo em vista seu pioneirismo.

Pode-se observar primeiramente, as questões corporais da protagonista: Branca de Neve é branca, magra e possui os cabelos negros e curtos. O padrão de beleza é seguido pelas outras princesas, nas duas primeiras características apresentadas; a cor do cabelo não se torna relevante no momento, porém o seu comprimento é um fator a ser analisado. Branca de Neve tem os cabelos curtos, estilo esse considerado “vulgar” para a mulher, a partir dos anos 1920, quando o estilo *à la garçonne* surgiu.

Mesmo sendo lançado após 18 anos do surgimento desse corte de cabelo, que foi criticado, Branca de Neve traz um desate silencioso nesse estilo de cabelo, que persistiu como sendo um ato de independência até meados dos anos 50, no qual as mulheres da época compreenderam que a moda serve como um espelho da mudança social. Branca de Neve, apesar de apresentar essa configuração corporal, talvez mostre que, a mulher pode ter o cabelo

que quiser, mas continuará subserviente, fiel aos seus serviços domésticos, como retratado pela princesa feita de empregada pela Rainha Má, sua madrasta.

Após Branca de Neve, apenas Mulan, num total de 8 princesas Disney, antes da virada do século XX, possui um cabelo curto, desconstruindo o padrão capilar longo das outras princesas.

Abordando as características comportamentais podemos citar que Branca de Neve não possui nenhum laço familiar; para avaliar tal característica foi levado em consideração o contato direto com algum membro da família durante o filme. Branca de Neve é órfã de mãe, e logo após perdeu seu pai, que teve um relacionamento antes de morrer, deixando Branca de Neve aos cuidados de sua madrasta, conhecida também como Rainha Má. Porém, durante todo o longa-metragem, nenhum contato é feito entre as duas, com exceção de quando a Rainha se transfigura em uma mendiga com a intenção de envenenar Branca de Neve, para retomar o seu posto de “mais bela” do reino.

O círculo de amizade da primeira princesa da Disney se resume aos animais, que na produção não possuem voz, e aos sete anões com quem Branca de Neve passa a morar. Já nos relacionamentos afetivos, a protagonista se apaixona à primeira vista pelo príncipe que ela encontra logo nas primeiras cenas, voltando a reencontrá-lo apenas quando ele descobre que ela está sendo velada em um caixão de vidro e vai ao seu encontro, dando-lhe o primeiro beijo de amor verdadeiro e a salvando do sono da morte.

### **Cinderela (1950)**

Cinderela é a segunda princesa da Disney; seu filme foi lançado em 1950, sendo o conto de fadas mais popular da humanidade. Sua história foi escolhida para a análise por sua temática ser simples e unicamente perpetuar o imaginário de princesa perfeita: a garota solitária que espera o amor verdadeiro. De acordo com a pesquisa realizada pela antropóloga Michelle Escoura (2012), Cinderela é a princesa mais comercial da Disney, e sendo assim, é a história mais difundida e mercantilizada, chegando mais próximo do público infantil e de sua formação. Em suas observações, Escoura assinala que quando começou a entrar em contato com as crianças, percebeu que Cinderela era uma referência muito presente no cotidiano das meninas; que estas falavam sobre a personagem e tinham muitos produtos.

Primeiramente, observando as características corporais da protagonista, pode-se notar uma padronização em comparação com Branca de Neve: a pele de Cinderela também é branca e ela é magra, mudando em seu aspecto físico apenas o cabelo, que é loiro, e seu comprimento que é mediano. Em relação as características comportamentais, as relações familiares de

Cinderela são mais abrangentes, porém continuam semelhantes às de sua antecessora: Cinderela perde a mãe muito cedo, e seu pai, antes de falecer teve um relacionamento, no qual a mulher possuía duas filhas; além da madrasta, Cinderela possui duas irmãs adotivas. Porém, os laços relacionais não são fortes. Apesar de ter um relacionamento direto com as três personagens, característica que Branca de Neve não possuía, Cinderela é tratada como uma empregada e é bastante maltratada por suas irmãs e madrasta.

Vivendo isolada, seu círculo de amizades se resume aos ratinhos que habitam a casa onde mora. Por último, em relação ao seu relacionamento afetivo, ele se resume ao príncipe, que é almejado por todas no reino e não seria diferente com Cinderela, que sonhava se ver livre de sua madrasta e irmãs. Em um único encontro, no baile patrocinado pelo Rei, Cinderela, a moça misteriosa, dança com o príncipe e o amor à primeira vista acontece novamente, como em Branca de Neve. Porém, a protagonista tem que ir embora do baile exatamente à meia-noite, pois para conseguir ir à festa, ela teve ajuda de sua fada-madrinha que a alertou que o feitiço, que incluía sua roupa e transporte ao castelo, só duraria até esse horário. Saindo às pressas, Cinderela esquece seu sapatinho de vidro, única pista que pode conectar o príncipe a ela. Em busca de seu grande amor, o príncipe manda seus serviçais irem procurar pelo reino quem é a dona do sapatinho, descobrindo assim Cinderela que se casa com ele e vive feliz para sempre.

Pode-se observar que em ambas as histórias, tanto em Cinderela quanto em Branca de Neve, o amor à primeira vista acontece e ele significa a salvação de uma vida miserável e de submissão, ao mais próximo de familiares que as protagonistas possuíam. Ambas personagens possuem um contexto comportamental e corporal muito próximo, porém apenas Branca de Neve possui uma relação mais tangente com Mulan, que é em relação ao cabelo curto.

### **Pocahontas (1995)**

Pocahontas foi uma índia americana, e sua história foi contada pela Disney em 1995, sendo coroada como a sétima princesa Disney. O filme é o primeiro longa-metragem animado da Disney que conta uma história baseada em fatos: a invasão dos ingleses às terras americanas em busca de ouro no século XVII e o encontro destes com os índios.

Sendo assim, Pocahontas é legitimada como a primeira princesa indígena da Disney e sua história começa a quebrar alguns estereótipos aplicados aos filmes infantis com a temática de princesas. Em suas características corporais Pocahontas quebra o padrão da cor da pele, que é negra. Porém, como suas antecessoras, permanece com as características padronizadas de estética corporal: ela é magra, e seus cabelos são lisos, pretos e longos, sendo essa última



característica acompanhada por outras princesas antecessoras a Pocahontas. O padrão de princesa branca é quebrado, e isso pode ser considerado um marco nas histórias da Disney, pois uma parcela do público alvo, aqueles que são indígenas ou negros, podem se sentir representados, principalmente as garotas, que agora possuem uma princesa que leva suas características.

Tal representação não pode ser ignorado como uma vitória, porém, as marcas da indústria não deixam Pocahontas ganhar pontos: apesar de ter sido um líder de bilheteria em sua época de estreia, arrecadando mais de 300 milhões, e ganhando dois Oscars, Pocahontas, ao contrário de Cinderela, não se tornou um marco comercial, apesar de representar tanto. As crianças apenas veem princesas que seguem um padrão estético e romântico, o que não acontece em Pocahontas.

Em relação as suas características comportamentais, os relacionamentos familiares de Pocahontas são relativamente amplos; por ser integrante de uma tribo indígena ela mantém um relacionamento com todos, porém os laços familiares observados no filme são seu pai, chefe da tribo e sua avó Willow, que é uma árvore de muita sabedoria. Seus relacionamentos de amizade são restritos, assim como em todas as princesas, porém Pocahontas possui uma confidente e amiga, além dos animais, que é Nacoma.

O ponto alto de Pocahontas, no que diz respeito as questões comportamentais, é o seu relacionamento afetivo com John Smith, um dos homens brancos que chega para devastar parte do Novo Mundo. Por curiosidade pelo homem estranho que estava pisando em suas terras, Pocahontas se aproxima de John Smith e lhe mostra todos os motivos para que não destrua o lugar onde ela vive. Consequentemente, eles se apaixonam em um relacionamento proibido, porém, o que destoa das histórias comuns de princesas, em Pocahontas, é que ela não fica com o dito “príncipe” no final da história, além de que ela é a primeira princesa a salvar o herói. Por conta de um ferimento, John Smith regressa à Londres, mas Pocahontas não lhe acompanha, preferindo ficar com sua tribo e começando a fagulha que quebra todo estereótipo que envolve princesas e seus relacionamentos amorosos, que é continuado e firmado por Mulan.

### **Mulan (1998)**

Por fim, tem-se Mulan, objeto de análise desse artigo. Observando as características corporais de Mulan, vê-se que o padrão da estética corporal é mantido: a personagem é magra, assim como todas as outras princesas aqui mencionadas. Em relação a cor da pele, mais uma

vez o estereótipo é quebrado: Mulan é a primeira e única, até o momento, princesa de origem oriental-chinesa da Disney, sendo sua pele amarela.

Em 2013, a Disney fez um remodelamento de todas as princesas, onde a pele de Mulan foi clareada, para seguir um padrão, assim como a de Pocahontas. Porém, com a resposta negativa dos fãs e de grupos feministas, a produtora desfez esse processo, mantendo o tom de pele original das personagens. Em relação a raça, Mulan também faz seu papel em representar as meninas da sociedade oriental.

O último ponto das características corporais a ser analisada é o cabelo; Mulan inicia a trama com os cabelos longos, assim como todas as princesas da Disney, com exceção de Branca de Neve. Porém, ao cogitar a ideia de se apresentar no exército, no lugar de seu pai, ela mesma corta o cabelo, para que fique em um modelo mais “masculino”, e não por uma questão de estética feminina. Nesse ponto, pode-se comparar Mulan a Branca de Neve nas questões que se aproximam da independência, e até “rebeldia” feminina, no que tange a questão da revolução que o corte curto feminino trouxe a sociedade. Apesar de Branca de Neve ter o cabelo curto, as questões de subserviência e de modelo de princesa em busca de um príncipe continuam em toda a trama; ao contrário do que ocorre em Mulan.

Além do corte de cabelo de Mulan obedecer a questões óbvias das motivações que ela teve, ele chega a significar a liberdade das questões impostas as mulheres na China Imperial. E mesmo apesar de séculos terem se passado, essas imposições do império chinês, assemelham-se as questões femininas abordadas no século XX, quando a mulher começou a ganhar voz de independência.

Em relação às questões comportamentais, Mulan se diferencia das outras princesas aqui analisadas. Começando pelas relações familiares, a protagonista tem um relacionamento efetivo e direto com sua mãe, pai e avó paterna, quebrando as comparações das relações familiares de princesas anteriores a ela. Pode-se observar também que, esse relacionamento familiar faz toda diferença na psicologia da personagem, pois um dos objetivos que faz ela se apresentar no lugar do pai na guerra, é honrar a família Fa, sendo a honra um fator essencial para que o nome da família não caia em desgraça.

As relações de amizade de Mulan também são bem mais amplas e significativas. Como Branca de Neve, Mulan também tem amigas masculinas, que são os homens do exército, porém, ela tem um relacionamento efetivo de amizade com eles. Em toda a trama, eles se ajudam e se comprometem um com outro, enquanto que em Branca de Neve o relacionamento de amizade entre ela e os anões é mais uma troca de favores: enquanto ela fica na casa deles, irá pagá-los com serviços domésticos. Como todas as personagens da Disney,

Mulan também mantém relações de amizade com um animal, que é Mushu, o dragão que se torna o guardião da família Fa.

Por fim, tem-se a questão do relacionamento afetivo que em Mulan não acontece. O começo da trama é marcado por Mulan indo ao encontro de uma casamenteira, que deveria lhe indicar para um futuro marido, porém tal fato não ocorre. Em sequência ela vai para o campo de treinamento do exército, onde conhece diversos homens, mas não tem nenhum relacionamento que não seja de amizade com algum deles. O único que se destaca é o general Lee Shang, no qual entre ele e Mulan, tem-se um relacionamento de admiração, pois ela, travestida de Ping, o salva da morte. Apenas no final do longa, subentende-se que eles terão um relacionamento, porém nada comparado ao “amor à primeira vista” das outras princesas.

Além dessas questões o filme Mulan traz outras características que fazem com que ela seja a primeira princesa a tratar de identidade, gênero e relações de poder entre homens e mulheres, quebrando todo imaginário de princesa perfeita e necessitada de um herói, retratado em filmes de princesa anteriores, da produtora Disney.

Apesar de mostrar a dominação dos homens, o filme retrata uma mudança: é Mulan travestida de Ping, que lidera as investidas estratégicas na trama, mostrando assim a figura feminina à frente de questões que são taxadas como masculinas. É possível observar esse ponto, na cena decisiva do combate entre o que restou do exército chinês e os hunos, quando Mulan pega o último canhão e ao invés de mirá-lo em Shan-Yu, líder dos hunos, ela mira numa montanha coberta de neve, no qual quando atingida dá início a uma avalanche que elimina grande parte do imenso exército huno.

Além disso há uma questão bem visível no filme: é Mulan que possui um melhor desempenho no treinamento que antecede a guerra. Entretanto, ainda há a problemática de que Mulan precisou se vestir de homem para que suas capacidades fossem valorizadas; e apesar de todas as façanhas heroicas realizadas por ela em combate, quando descobrem que ela é mulher, humilham-na e a condenam à morte, o que não é efetivado.

Sucedendo tal acontecimento, Mulan testemunha que alguns homens do exército huno sobreviveram, incluindo seu líder, e os observa rumo ao palácio imperial, onde eles pretendem matar o imperador. Porém, Mulan, apesar de ser desacreditada por seu antigo general e pela sociedade, persiste e planeja mais uma estratégia que salva a todos, inclusive o imperador.

Mulan só passa a ser reconhecida como heroína da China quando o imperador a congratula, ou seja, foi preciso que uma autoridade, masculina, da sociedade a reconhecesse para que todos a considerassem, mesmo após todos os seus feitos.

Pode-se considerar que Mulan não é um filme que retrata o universo de uma princesa, mas sim uma produção que retrata coragem e guerra, temas valorados como masculinos. Em um intervalo de 61 anos entre Branca de Neve, o primeiro filme de princesa Disney, e Mulan, o oitavo, tal temática é abordada fortemente e quase que exclusivamente em Mulan, tendo apenas fragmentos da temática na animação Pocachontas.

Contudo, a partir dos anos 1990, com o que ficou conhecido como a geração das princesas rebeldes, foi-se verificado que os filmes de princesas não apenas faziam referências a beleza das personagens, mas também a apreciação de suas capacidades não ligadas a questões domésticas.

Mais uma referência da força feminina em Mulan, é a música “alguém pra quem voltar”, cantada pelos personagens masculinos na marcha para a guerra. Na cena, os rapazes do exército entoam uma música sobre pensar em coisas positivas e imaginar o que os espera ao regressarem da guerra; todos eles esperam uma mulher que os ame e que faça os afazeres domésticos, colocando-as em um pedestal, contanto que elas o sirvam.

O trecho citado aponta a parte em que Mulan, disfarçada de Ping, complementa a canção improvisada, e é recusada pelos homens: “Minha garota é demais/ Com ela eu sou o tal/ É, mas se ela o cérebro usar/ Vai ser a maior! / Não! ”.

Enquanto um de seus companheiros, Yao, canta a primeira parte “minha garota é demais/ com ela eu sou o tal”, Mulan complementa com uma crítica a canção, que revela a submissão das mulheres: “É, mas se ela o cérebro usar, vai ser a maior! ”, no que após isso, ela recebe um uníssono “Não! ” de todos os homens que continuam a música exaltando o que esperar de uma mulher quando regressarem da guerra. Podemos observar que, mesmo no universo masculino, no qual o filme retrata, Mulan chega e acende a faísca de que o que eles cantam não é o adequado.

### **Resultados/ Considerações Finais**

Nota-se que com as questões de gênero e as lutas feministas vindo à tona e ganhando força, mais filmes estão sendo produzidos procurando introduzir essa crescente e forte temática. Sabe-se que o mercado industrial cinematográfico se aproveita de tais questões para produzir capital, porém tal motivação não desfaz a real representatividade dessas produções. É o caso das animações envolvendo princesas da Disney. É possível continuar a linha cronológica mostrando a evolução dos roteiros envolvendo as histórias das princesas, principalmente após Mulan.

O que antes, nas princesas intituladas clássicas, a história seguia uma linha lógica de garota solitária à procura de um amor que a arrebatasse de sua situação, muitas vezes triste (como é o caso de Branca de Neve e Cinderela, com suas madrastas e irmãs adotivas, respectivamente), o encontro com o príncipe e o amor à primeira vista, seguindo o envolvimento do vilão e o fechamento com o “felizes para sempre”.

Tal sequência segue nos filmes sucessores, e até acompanha as histórias das princesas intituladas como “rebeldes”, porém há uma diferenciação: as personagens tornam-se mais ativas em suas próprias histórias e com o passar dos anos, não há a necessidade de uma salvação por intermédio do príncipe. Podemos observar essa questão primeiramente em Mulan, que apesar de no final do seu primeiro filme ficar subentendido que a mesma terá um relacionamento amoroso com o general Lee Shang, o desenvolvimento do romance deles segue uma linha diferenciada das outras princesas.

Em segundo lugar, já entrando na geração “contemporânea” da Disney – sendo um “pós Mulan” – está Merida, protagonista do filme Valente, que é a primeira princesa Disney que não possui um par romântico, dando um seguimento diferenciado para a conclusão de sua história. Em terceiro lugar, pode-se citar a rainha Elsa, da animação Frozen: uma aventura congelante, que apesar de não estar incluída no ranking de princesas, também é uma personagem principal de uma história, que não possui um par romântico.

E por fim, há a mais recente princesa da Disney, Moana, com o longa-metragem Moana: um mar de aventuras, no qual não há nenhuma menção a príncipes ou a relacionamentos amorosos, sendo o enredo do filme a história da protagonista e de sua tribo; mais uma vez, a protagonista não possui par romântico.

Apesar de existir uma proximidade entre as questões comportamentais de Mulan e Pocahontas, no que tange a questão de serem consideradas da geração “rebelde” da Disney, Pocahontas não se torna a pioneira na cisão com o imaginário de princesa perfeita por conta das questões amorosas que Mulan deixa de lado por motivos maiores que o romance.

Dessa forma, o produto midiático – Mulan – passa no teste de Bechdel com louvor, mostrando que ela é uma princesa pioneira no que diz respeito as questões de mudança ao tratamento feminino nas animações Disney.

Sendo assim, e com a união de todas as análises unitárias e comparativas entre Mulan e outras princesas, conclui-se que ela é a união de todos os fragmentos que podem ter iniciado em filmes antecedentes, porém, o que faz dela pioneira é a junção de todas as temáticas em um único filme de forma explícita.

## Referências Bibliográficas

**A moda dos cabelos curtos.** Link de Acesso: <http://unique-se.com.br/index.php/origem-dos-cabelos-curtos/>. Data de Acesso: 30 de janeiro de 2017.

BECHDEL, Alison. **The Rule.** Link de acesso: <http://dykestowatchoutfor.com/the-rule>. Data de acesso: 09 de abril de 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade – 2ª edição - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BRYM, Robert... [et al.]. **Sociologia: sua bússola para um novo mundo.** São Paulo: Cenage Learning, 2010.

BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças.** São Paulo, 2012.

CRUZ, Dandara Palankof. **“A Regra”:** mídia de massa, empoderamento e o Teste de Bechdel, 2015.

DUTT-ROSS, Helena. **O teste de Bechdel.** Faculdade Cásper Líbero. Link de Acesso: <http://casperlibero.edu.br/noticias-da-casper/o-teste-de-bechdel/>. Data de Acesso: 30 de janeiro de 2017.

DRUMMOND, Renato. **A balada de Hua Mulan** – A lenda da guerreira mais famosa da China, 2016. Link de Acesso: <https://rainhastragicas.com/2016/09/03/a-balada-de-hua-mulan/>. Data de Acesso: 30 de janeiro de 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru – SP: EDUSC, 2001.

MULAN. Direção: Barry Cook e Tony Bancroft. Disney, 1998. 1 DVD (88 min aprox.), NTSC, color.

IMDb, **Mulan**, 1998. Link de acesso: <http://www.imdb.com/title/tt0120762/>. Acesso: 09 de abril de 2017.

OLIVEIRA, Tory. **Belas, ricas e casadas.** Carta Capital – Carta Educação, 2013. Link de acesso: <http://www.cartaeduacao.com.br/reportagens/belas-ricas-e-casadas/>. Data de Acesso: 30 de janeiro de 2017.